

Resumo: A Conferência de Aparecida é uma privilegiada oportunidade para uma reflexão sobre o modo de ser da Igreja na América Latina e no Caribe. Segue, assim, a tradição das conferências gerais já realizadas pelo episcopado latino-americano e caribenho. Mas se naquelas, sobretudo em Medellín e Puebla, os bispos esforçaram-se por traçar um modelo de Igreja coerente com a realidade sócio-religiosa dos nossos povos, tal esforço não é tão evidente no Documento de Participação da Conferência de Aparecida. Por isso, faz-se mister retornar a Medellín para se chegar a Aparecida. E ali recuperar a perspicácia e a profecia na leitura dos sinais dos tempos, a capacidade de inserção e atuação no meio social, a coragem evangélica de fazer opções a favor da vida dos mais desfavorecidos. Tal é a exigência do discipulado de Cristo em nossas terras. E daí emerge a compreensão do modo de ser Igreja em nosso Continente, recuperando o espírito do Concílio Vaticano II numa re-projeção da Igreja Povo de Deus, missionária, ecumênica, mística ... "para que nossos povos tenham vida".

Abstract: The Conference in Aparecida presents a privileged opportunity to raise some thoughts for a few considerations about the type of Church in Latin America and the Caribbean. In this endeavor it follows the tradition of the general conferences that have been held by the Latin American and Caribbean bishops. However, in these and specially in those of Medellín and Puebla, the bishops were engaged in portraying the model of the Church that is coherent with the socio-religious situation of our peoples, which does not appear clearly enough in the Document of Participation in the Conference in Aparecida. Therefore what is needed right away is to return to Medellín in order to go from there to Aparecida. What is to be done is to recover the insight and prophetic intuition by discovering the signs of the times as well as the capacity of insertion and social action, and the courage to engage in pastoral activity on behalf of those in need. This is an imperative implied in the following of Christ in our local sphere. From this point of view will emerge the image of the Church on our Continent and it will bring into focus the spirit of the II Vatican Council by "projecting" far beyond our horizon the image of the Church as the People of God, missionary, ecumenical, and mystical "so that our peoples will have life".

A Igreja na América Latina e no Caribe: do Rio a Aparecida

Elias Wolff

Presbítero da Diocese de Lages/SC e professor de Teologia Sistemática no ITESC.

Célio Ribeiro

Presbítero da Diocese de Blumenau e professor de Ética e Tradições Religiosas na Universidade Regional de Blumenau / SC.

Encontros Teológicos nº 45
Ano 21 / número 3 / 2006, p. 69-89.



Na história da Igreja na América Latina e no Caribe, aconteceram quatro Conferências Gerais do Episcopado (CGE): Rio de Janeiro (1955), Medellín (1968), Puebla (1979) e Santo Domingo (1992). Vivemos, agora, a expectativa da 5ª Conferência. Uma Conferência não é um concílio, menos ainda, oportunidade para grandes mudanças nas estruturas e doutrinas da Igreja. Ela tem caráter mais eclesiológico e pastoral, um espaço para celebrar, refletir e projetar o jeito de ser da Igreja, no presente e no futuro do continente.

Na história da eclesiologia, podemos constatar, além de apologias interesseiras, também estudos críticos sobre os modelos eclesiais: Igreja Instituição; Igreja Corpo Místico; Igreja Sacramento; Igreja Anunciadora; Igreja Servidora; Igreja Libertadora¹. Thomas Franklin completou o elenco, ligando-os a modelos condicionados por correntes teológicas, a saber: Modelo Platônico hierárquico e iluminista; Modelo Aristotélico, fundamentado nas causas; Modelo Nominalista, distanciado do mundo; Modelo Idealista, carregado de hipostatização do espírito absoluto na história. Além desses, Franklin ressalta os modelos que surgem das correntes fenomenológicas da história e da analítica existencial, privilegiando uma compreensão eclesiológica desde a concretização das comunidades cristãs².

Todavia, é sabido que também podemos ressaltar a Igreja Popular, nascida à margem da história da teologia e na realidade sócio-econômica das regiões mais pobres do mundo, particularmente na América Latina.

Estes modelos mostram que a compreensão da Igreja se refere a horizontes históricos determinados, razão pela qual a Igreja se explica pela mediação da história. Cada modelo eclesial é a forma histórica de a Igreja ser, conforme as características básicas situadas no tempo, no espaço, na cultura, na economia, na política e no modelo de sociedade³.

Emerge aqui uma questão inevitável: como será a Igreja apresentada pelos bispos reunidos na Conferência de Aparecida?

1 DULLES, A., *Models of the Church*, New York: Theological Studies, 1974, 25-47.

2 FRANKLIN, T., *Philosophical Models in Ecclesiology*, New York, Theological Studies, 39, 1978, 3-21.

3 Cf. Minear fala de 96 imagens da Igreja no Novo Testamento, mostrando que cada modelo se funda em um grupo próprio de imagens, tem seu próprio vocabulário, seus próprios valores, sua própria maneira de pensar, sua prioridade, seus próprios problemas resolvidos e também suas próprias ambigüidades (MINEAR, P., *Images of the Church in the New Testament*, Philadelphia, Phi, 1960).



1. Do Rio de Janeiro a Medellín

A I Conferência Geral do Episcopado latino-americano, realizada no Rio de Janeiro em 1955, teve um teor catequético-doutrinal. Os povos destas terras ainda eram considerados “*povos pagãos*”, não catequizados. No contexto, vigorava o modelo eclesial da *Mystici Corporis*⁴, idealizado para complementar o modelo belarminiano de Igreja *Sociedade Perfeita*. Na ocasião, não houve espaço para o desenvolvimento de uma eclesiologia que se enraizasse nas culturas da América Latina. Estas foram culturas do silêncio e da resistência, e assim foi também a Igreja que elas poderiam expressar.

Sob o regime da Conferência do Rio, foi garantida a presença hegemônica de um catolicismo tradicional. É o processo convencionalmente designado por “romanização”, que não nasceu na Conferência do Rio, visto que já estava expresso na carta do Papa Gregório XVI do dia 12 de junho de 1840:

“A América Latina é uma região onde vivem homens miseráveis, envoltos nas neblinas de erros densíssimos e que infelizmente estão sentados nas trevas e na sombra da morte. Há que reforçar a instituição para atingí-los e convertê-los”⁵.

Esse processo sofreu certo estancamento a partir de 1950, com o surgimento das pastorais sociais e do fortalecimento da religiosidade popular. Com o advento do Concílio Vaticano II (1962-1965), a Igreja repensa o seu modo de ser e de se expressar, em suas instituições, estruturas e doutrinas. Repensa também a sua relação com o mundo, com as outras igrejas e as religiões. O moto eclesiológico do Concílio se assenta na teologia do povo de Deus (LG cap. II), que busca viver em comunhão e participação, em diálogo *ad intra* e *ad extra*. A Igreja é mistério (LG 2-5) que se realiza na história, sensível às vicissitudes da humanidade como próprias (GS).

O Concílio foi recebido criativamente na II Conferência Geral, em Medellín (1968). No contexto desta recepção, talvez o feito maior de Medellín tenha sido o fato de que os temas sociais, na ótica dos oprimidos, entraram na agenda dos bispos. A Igreja desperta para a percepção da realidade sócio-religiosa do continente de modo profético e solidário.

4 Pio XII, *Carta encíclica Mystici Corporis*, 1943.

5 Cf. LEITE, Serafim, *Monumenta Brasiliae*, Roma, Gregoriana, 1990, 4v. Aqui v.II, 329 e 337.



A sensibilidade da Igreja para com a realidade social a levou à constatação da “*dolorosa pobreza, que em muitos casos chega a ser miséria desumana*” (Pobreza da Igreja, n.1). Tal é o resultado de olhar um continente que se encontra “*sob o signo trágico do subdesenvolvimento, que não só afasta nossos irmãos do prazer de desfrutar dos bens materiais, mas de sua própria realização humana*”. Isso é uma “*injustiça que clama aos céus*” (Justiça, n. 1), “*uma situação de pecado*” (Paz n. 1), que expressa uma “*violência institucionalizada*” na situação de empobrecimento dos povos (Paz, n.16). Daqui surge a profética e evangélica opção pelos pobres.

A originalidade eclesiológica de Medellín está, portanto, na capacidade de receber criativamente o Concílio, conjugando-o com as intuições teológicas e pastorais extraídas do olhar para a situação social e religiosa dos nossos povos. Esses fatores funcionam como pilares da inteligência da fé, desenvolvida no horizonte da libertação, e de um modelo eclesial compreendido como Comunidade Eclesial de Base - que serão depois confirmados em Puebla (1979).

2. De Medellín a Aparecida

O caminho a ser percorrido pela Igreja latino-americana, de Medellín a Aparecida, é um caminho de retorno. Retorno não indica aqui uma atitude de retrocesso, mas de *retomada* do caminho certo, do rumo a ser seguido. É a con-versão necessária para poder seguir adiante. O caminho de retorno implica uma recuperação das marcas e dos sinais outrora construídos e deixados para trás, ressignificando as razões da caminhada e da meta que se deseja alcançar. Há, certamente, muitos entraves, obstruções do caminho, criados pelo tempo. Por isso o retorno é fatigoso, exigente.

Nessa dinâmica de re-tomar o caminho e avançar na direção certa, alguns elementos são fundamentais para a Igreja na América latina e no Caribe.

2.1. Três principais desafios no caminho rumo a Aparecida

a) *Perspicácia e Profecia na leitura dos sinais dos tempos*

O caminho da Igreja junto aos nossos povos na direção da Conferência de Aparecida deverá ser feito pelo exercício da capacidade



de situar-se criticamente e coerentemente no atual contexto da América Latina e do Caribe. Nos últimos tempos, a Igreja em nosso continente parece sofrer de uma certa miopia, não conseguindo distinguir claramente os elementos que contribuem para a realização da sua missão, daqueles que a obstaculizam. Sofre de uma espécie de confusão teológica, com dificuldades para articular uma reflexão iluminativa da situação do Povo de Deus. Desse modo, como anunciar o evangelho de modo eficaz? Como anunciar o Deus da Bíblia? Como organizar os cristãos numa vivência eclesial que assuma como sua a realidade e o modo de ser do Povo de Deus?

Nas conferências de Medellín, Puebla e Santo Domingo, os bispos demonstraram o esforço de ler realísticamente os sinais dos tempos. Isso foi fundamental para o anúncio de uma palavra convincente acerca da realidade sócio-eclesial da região. O caminho rumo a Aparecida exige retomar essa capacidade. Não se trata, necessariamente, de utilizar o mesmo método, até mesmo porque há novos elementos integrantes da realidade sócio-eclesial que exigem novos processos de análise para serem compreendidos em profundidade. Mas também não se pode dizer que o método então utilizado já está obsoleto. A tríade do *ver, julgar e agir*, enriquecida pelo *avaliar e celebrar*, continua indicando os passos metodológicos essenciais para uma compreensão objetiva, social, teológica e pastoralmente, do mundo atual.

Ver a realidade e interpretá-la não é tarefa fácil. Mas é condição para a Igreja situar-se significativamente no lugar onde está. Disso depende a sua missão de discernir a presença de Deus na história, buscando compreender e realizar a sua vontade.

b) Re projetar o caminho da Igreja

Saber ver a realidade é condição para projetar o caminho. Muitos são os caminhos que a Igreja percorre. Na verdade, a sua catolicidade parece indicar que não há caminhos limitados. Contudo, percorrer todos os caminhos pode indicar não ter destino certo, e sem destino não se chega a lugar nenhum. Indica também um “vale tudo”, desde que se fale de Jesus Cristo, da Bíblia, da Eucaristia, dos Santos...

Somos de parecer diferente. É preciso optar por um caminho definido se se quer chegar a algum lugar. E o caminho não está feito, é preciso projetá-lo e re projetá-lo a cada passo. A opção pelo caminho vai mostrar a razão do ato de caminhar, suas motivações e seu destino.



Medellín, Puebla e Santo Domingo assim o fizeram. A Conferência de Aparecida tem esse desafio: apresentar ao povo de Deus na América Latina e no Caribe o caminho por onde anda hoje a Igreja. E ajudar a Igreja a seguir no caminho que Deus percorre para ir ao encontro do povo.

c) *Repensar o jeito de caminhar*

Há muitos modos de ser Igreja. Mas é de fundamental importância estabelecer uma coerência entre esses “modos” e a Igreja como tal. Isso significa descobrir qual o jeito de ser Igreja que mais e melhor condiz com a sua realidade espiritual e humana hoje. Fala-se de vários “cenários da Igreja”⁶, os quais talvez possam ser resumidos em três principais: uma Igreja de cunho pentecostal, que faz uso da mídia, da linguagem e de métodos de evangelização que na sua forma se aproximam de setores do protestantismo; uma Igreja dependente do “incenso, da água benta e das teses do Vaticano I”, eminentemente sacramentalista e que ignora a dimensão social da fé; e uma Igreja de comunhão e participação à luz do Concílio Vaticano II.

A questão é: qual o jeito de caminhar da Igreja *na e a partir da V* Conferência do episcopado latino-americano e caribenho? Há que se ter coragem profética para avaliar os diferentes modos ou cenários da Igreja hoje, o seu jeito de caminhar, e a coerência entre esse jeito e o conteúdo da evangelização – o *kerigma*. Rever o jeito de caminhar implica rever também as mediações utilizadas: as instituições e estruturas, a linguagem, as parcerias, etc. É isso que vai consolidar a opção pelo caminho, a coerência evangélica, e a certeza de atingir a meta.

1.2. A fé na Igreja e nos povos latino-americanos e caribenhos

Na *Mensagem aos povos da América Latina*, os bispos em Medellín afirmaram um compromisso com a realidade latino-americana: “... *compartilhamos a história de nosso povo. O passado nos configura definitivamente como seres latino-americanos, o presente nos coloca numa conjuntura decisiva e o futuro exige de nós uma tarefa criadora no processo de desenvolvimento*”. Não é apenas uma

6 LIBÂNIO, J. B., *Cenários da Igreja*, ...



voz de pastores, mas de cidadãos conscientes de seu papel na sociedade. Tal é a condição para a afirmação da responsabilidade para “*com a vida de todos os nossos povos na busca angustiada de soluções adequadas para seus múltiplos problemas. Nossa missão é a de contribuir para a promoção integral do homem e das comunidades do continente*”.

Puebla mostra, igualmente, a força da Igreja que se constrói na força cultural e religiosa dos povos. Reconhece que “*A América Latina forjou ... uma nova fusão de etnias e formas de existência e pensamento, fusão essa que permitiu a gestação de uma raça que ultrapassa as mais duras separações anteriores*” (Puebla, 1) Reconhece também a “*irradiação de nossos Santos*”, que ensinam que “*o Evangelho, em sua plenitude de graça e amor, foi vivido e se pode viver na América Latina como sinal de grandeza espiritual e verdade divina*” (Puebla, 2) Isso leva a compreender a América Latina como “*o continente da esperança*” (Puebla, 3) Daqui a disposição para contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e mais fraterna, na opção preferencial pelos pobres e pelos jovens, numa Igreja renovada pelas Comunidades Eclesiais de Base - CEBs.

Em Santo Domingo, os bispos procuram reconhecer e resgatar os valores humanos e cristãos dos povos do continente, particularmente na temática da *promoção humana* (cap. II) e da *cultura* (cap. III). Mircea Eliade dizia que o grande acontecimento do século XX, mais importante do que as grandes guerras e as grandes revoluções, foi o descobrimento da diversidade das culturas⁷. Até o século XX, cada povo enxergava as culturas dos outros como barbárie ou falta de cultura. Em Santo Domingo, existe a proposta de um profícuo diálogo entre as culturas do continente, num convite para um mútuo reconhecimento (Santo Domingo, 243-251). É fundamental a afirmação de que “*Os autênticos valores culturais, discernidos e assumidos pela fé, são necessários para encarnar nessa mesma cultura a mensagem evangélica e a reflexão e práxis da Igreja*” (Santo Domingo, 229).

Só é possível a fé na Igreja dos povos latino-americanos se houver o reconhecimento do fato de que o modo de ser dos povos oferece o substrato humano e histórico para o modo de ser da Igreja e da sua prática evangelizadora. Quando isso não é respeitado, surge um

7 Para uma análise mais profunda e detalhada, ver ELIADE, M., *O sagrado e o Profano*, Lisboa, Livros do Brasil, 1980.



estranhamento eclesiológico que não permite à Igreja ser uma realidade significativa para as pessoas. Tal é o desafio também para a Conferência de Aparecida: confiar no jeito de ser da Igreja latino-americana, acreditando no “*potencial evangelizador dos pobres*” (Puebla, 1147). E a partir daí desenvolver a sua organização institucional, a sua inteligência teológica, as suas opções pastorais. Para tanto, é fundamental que se observe, sobretudo na relação entre Igreja Universal e Igrejas Particulares, o “princípio da subsidiariedade” dentro de uma comum corresponsabilidade na evangelização.

1.3. Igreja inserida, ouvinte e atuante

A eficácia e a eficiência da evangelização estão vinculadas à capacidade que a Igreja tem de se inserir no contexto do receptor da sua mensagem. Se o Espírito Santo é o agente da evangelização, o momento histórico, com todas as suas circunstâncias, é o seu elemento catalisador. Ele oferece as condições e as exigências do anúncio do Evangelho. A organização da Igreja e o acento da sua mensagem dependem, em muito, da sua inserção na história da sociedade. Foi isso o que possibilitou aos bispos, em Medellín e Puebla, sobretudo, ouvir o grito de um povo que sofre e que exige justiça, liberdade, respeito aos seus direitos fundamentais.

Ouvir a realidade e nela inserir-se permite uma constatação: “*nossa missão de levar o homem a Deus implica também em construir aqui uma sociedade mais fraterna*” (Puebla, 50). Assim, a atuação transformadora faz parte e é consequência da inserção da Igreja no mundo⁸.

O contexto é exigente. Na época de *Medellín*, vigoravam as ditaduras no Haiti, no Paraguai, na Nicarágua, no Brasil; a violência da guerrilha na Colômbia, na Venezuela, no Peru e na Bolívia. No México, aconteceu a matança de Tlatelolco, em 1968. *Puebla* foi preparada e realizada num contexto político no qual a Igreja viveu a experiência do

8 “A transformação da realidade dos nossos países coincidia com uma das principais linhas do concílio: centrar nossas decisões nas respostas que a Igreja deve dar aos problemas que ela encontra pela sua presença no meio do mundo” (PADIM, Dom Cândido, “Educação libertadora proclamada em Medellín”, in: PADIM, Dom Cândido-GUTIÉRREZ, G.,-CATÃO, F., *Conclusões da conferência de Medellín – 1968*, Paulinas, 1998, 229).



martírio⁹. Esse fato fez com que o contexto de Puebla fosse mais tenso que o de Medellín¹⁰. Em *Santo Domingo*, os bispos reuniram-se num contexto social que vivia sob a égide da globalização, com suas diferentes expressões na economia, na política, na cultura e na religião.

O Documento de Participação de Aparecida (DPA) constata as “dores de parto de uma nova época” (nn. 94-111). Nesse tópico, talvez o mais objetivo de todo o documento em sua análise da realidade, vê-se que o contexto social da América Latina e do Caribe é, ainda hoje, marcado pelos sinais de anti-reino constatados pelas Conferências anteriores.

É nesse contexto que se entende a inserção da Igreja e sua capacidade de “ouvir o clamor” da realidade do povo e de nela atuar. A inserção e atuação da Igreja deveria acontecer num âmbito bem definido: a opção pelos pobres, afirmada em Medellín, e refeita em Puebla (nn. 1134-1165) e Santo Domingo (nn. 178-181). O DPA nos lembra dessa opção (n. 34). Mas é carente nas mediações estruturais que a realizam. Tal carência demonstra a fragilidade da opção, fragilizando, conseqüentemente, o anúncio do Evangelho que liberta e salva os povos para que “todos tenham vida em abundância” (Jo 10,10).

A inserção da Igreja e do anúncio causa tensões no interior da própria Igreja. A missão é polarizada por quem a entende apenas em sua dimensão espiritual e pelos que a compreendem vinculada aos esforços de promoção humana. Aqui é importante lembrar o ensinamento de Paulo VI: “a Igreja não admite circunscrever a sua missão apenas ao campo religioso, como se se desinteressasse dos problemas temporais do homem” (EN 34). Sem diluir a fé numa ideologia libertária, é fundamental entender como ser cristão e ser Igreja em situações de sofrimento e empobrecimento injustos, fazendo com que a fé cristã fortaleça as práticas por promoção e libertação humanas. Contribui para isso uma correta relação entre cristologia e eclesiologia: uma cristologia que se

9 “leigos, religiosos, padres e bispos foram perseguidos, presos, torturados, exilados ou mortos... tornaram-se mais agudas as injustiças e os conflitos sociais, fazendo emergir lutas revolucionárias que não descartaram o uso da violência como um direito do oprimido (CHRISTO, Alberto Libânio, “Tendências políticas em Puebla”, in REB, 39 (1979) 89).

10 Se em Medellín houve maior hegemonia no posicionamento dos bispos, em Puebla houve maior polarização, com tentativas de evitar erguer bandeiras de Medellín - como a “Igreja popular” e a Teologia da libertação. Por isso, “enquanto Medellín começou sob o signo da esperança profética, Puebla foi preparada sob o signo do anátema eclesiástico” Cf. CHRISTO, Alberto Libânio, “Tendências políticas em Puebla”, in REB, 39 (1979) 89.



desenvolva tendo presente a totalidade do evento Cristo. Sua realidade humana e divina ilumina a realidade eclesial. Essas duas dimensões são entendidas como constitutivas também da Igreja e da sua ação evangelizadora. Afinal, “*nossa conduta social é parte integrante de nosso seguimento de Cristo*” (Puebla, 347). E por isso mesmo “*a Igreja condena aqueles que tendem a reduzir o espaço da fé à vida pessoal ou familiar, excluindo a ordem profissional, econômica, social e política, como se o pecado, o amor, a oração e o perdão não tivessem aí relevância*” (Puebla, 381).

Tal é um desafio de fundamental importância para a Igreja latino-americana e caribenha na Conferência de Aparecida.

2. Um perfil eclesial em construção

A Igreja é uma realidade em permanente reconfiguração histórica, através da continuidade na descontinuidade, pela inserção na realidade dos povos, ouvindo suas vicissitudes e agindo de modo colaborativo para a realização de seus anseios por vida digna e feliz, na plenitude que vislumbra o Reino de Deus.

Desde o *Concílio Plenário Latino-americano*, realizado em Roma (1988), a Igreja vem traçando seu perfil em nossas terras. Com o Concílio Vaticano II e as Conferências já realizadas, os bispos compreendem que o perfil da Igreja é o mesmo perfil dos povos do continente. As condições de ser povo são as condições humanas e históricas da Igreja. Por isso afirmam, na *Mensagem* de Medellín, “*a Igreja como parte do ser latino-americano*”. Assim, o que pertence ao povo, nos valores e nas fragilidades, na esperança, na fé, na luta pela vida, pertence também à Igreja. A partir desse fato, compreende-se a Igreja como uma realidade particular, local, com as características próprias do ser cristão e ser gente na América Latina e no Caribe. A Igreja se constitui não apenas no meio do povo, mas *como povo*. A fé da Igreja é, então, “*fé em Deus, nos homens, nos valores e no futuro da América Latina*” (Medellín, *Mensagem*).

Tal fato implica na coragem para uma re-definição de projetos, instituições, comportamentos, linguagem. Exige da Igreja o abandono de modelos de organização e de ação não mais condizentes seja com o conteúdo da sua mensagem, seja com a realidade do interlocutor. É o caminho da Igreja latino-americana na recepção da proposta de *atualização* do Concílio Vaticano II, como “*comunidade em transformação*” (Medellín, *Mensagem*).



Aparece, então, o rosto da Igreja no rosto dos povos do continente, dos índios, dos negros, dos descendentes de europeus e do norte da América, e mais recentemente dos povos árabes e asiáticos. A Igreja entende-se pluriétnica, pluricultural, plurissocial. Isso diz respeito a todos os âmbitos da Igreja, na liturgia, na organização institucional, na orientação pastoral, na reflexão teológica. Numa realidade sócio-humana plural, não há espaço para uma Igreja monolítica e uniforme. A comunhão eclesial é plural e diferenciada nas suas formas de expressão. O evangelho, único em seu conteúdo, só é significativo na medida em que atinge a cada pessoa/grupo na sua peculiaridade.

Talvez aqui se encontre uma das principais dificuldades para a reconstrução do perfil da Igreja no continente ameríndio dos nossos tempos. Percebe-se que o DPA tem particular dificuldade para valorizar a realidade heterogênea dos nossos povos. Ao partir dos “anseios universais” por “*felicidade, verdade, fraternidade e paz*” (DPA 1-20), o texto não apresenta os rostos propriamente latino-americanos que expressam esses anseios¹¹. Conseqüentemente, manifesta dificuldades para propor uma Igreja cuja comunhão integre a diversidade. Parece sequer sentir tal necessidade. Anseios universais, desenraizados, e indivíduos abstratos, indicam uma Igreja descontextualizada, com respostas já prontas para todos os questionamentos e princípios universais válidos para todas as realidades. A resposta não vem da pregação do evangelho no contexto das pessoas. Vem da revelação, já definida pela tradição da Igreja. Não se pode deixar de observar aqui um flagrante descompasso pastoral com as anteriores Conferências episcopais.

Se em Medellín, Puebla e, mesmo se em menor medida, Santo Domingo, a Igreja apresenta um perfil em construção, no Documento de Participação de Aparecida ela parece estar já acabada. Não precisará preocupar-se por buscar seu perfil, reconhecer-se num rosto próprio. Ela é para todos e, portanto, pode apresentar-se de um modo uniforme, único, em todas as situações, tempos e lugares. Não se constrói historicamente, mas vive na história a sua verdade, aplicando-a ao contexto das comunidades. O processo é dedutivo, e determina a compreensão e a organização da Igreja.

11 Tão bem identificados em Puebla nos “traços de Cristo sofredor” nos rostos de “*indígenas, de camponeses, de operários, dos marginalizados e aglomerados urbanos, dos sub-empregados e desempregados, dos jovens, das crianças, dos anciãos*” (n. 20).



O fato é que se vivemos em uma “nova época”, há novas exigências para a missão. E isso exige repensar a Igreja. Não se trata de propor “outra” Igreja. O repensamento se dá na expressão da Una e mesma Igreja, retomando os elementos já consolidados pela recente tradição da eclesiologia latino-americana. Para avançar, é preciso rever o caminho feito, confirmando os passos que permitiram chegar até aqui e reprojetoando o caminho para o futuro.

2.1. No espírito do Concílio Vaticano II

Para isso é fundamental recuperar o ensinamento eclesiológico do Concílio Vaticano II. Sua eclesiologia pode ser apresentada por dois principais eixos: 1) a realidade mistérica e sacramental da Igreja (LG 2-5); 2) sua constituição como Povo de Deus, peregrino na história em direção ao Reino que se realiza também na esfera social, econômica, cultural, ecológica e cósmica.

Estes elementos enriquecem uma compreensão da Igreja que possibilita o acesso de todos, sem romper com o contexto cultural de cada ser humano. Destaca-se no Concílio a igualdade fundamental dos fiéis, a indefectibilidade na fé de toda a comunidade crente, o sacerdócio universal e a dignidade batismal comum a todos os cristãos, a ordenação de toda a humanidade à Igreja como comunidade de salvação. O seu caráter peregrino exige reformas para manter a fidelidade ao Evangelho.

As dimensões mistérica e histórica da Igreja integram-se numa *eclesiologia da comunhão* por uma dupla dimensão: na verticalização das relações do ser humano para com Deus através de Cristo e no seu Espírito; e na horizontalização das relações entre todos os membros da comunidade. Nessa eclesiologia têm lugar os diferentes modos de pertença ao único povo de Deus (LG 13-16), numa integração e complementaridade entre “unidade” e “diversidade” na Igreja; tem lugar a afirmação das diferentes realidades social e espiritual como “realidade complexa” (LG 8) do mistério eclesial; tem lugar a relação entre primado e colegialidade episcopal, entre hierarquia e comunidade dos fiéis, com prioridade da *communio fidelium* sobre as diversas categorias de pessoas; tem lugar o princípio da subsidiariedade na relação entre a Igreja universal e as Igrejas particulares. Numa palavra, o espírito do concílio é comunitário, participativo e dialógico.

A força das Conferências gerais do episcopado da América Latina e do Caribe está, de um lado, na fidelidade ao Concílio Vaticano II; de



outro lado, no modo criativo e coerente de organizar a Igreja na região. Trata-se de uma recepção dos ensinamentos do Concílio que, apesar das muitas injunções sofridas na travessia turbulenta da história dos povos, tem no jeito de a Igreja se organizar nas bases das comunidades um de seus marcos mais característicos.

É na dinâmica do espírito conciliar que, espera-se, acontecerá também a Conferência de Aparecida. Trata-se de um esforço de coerência eclesiológica, buscando compreender a natureza, a identidade e a missão da Igreja no tempo e no espaço em que vivemos. Assim como não se compreende a Igreja do presente sem enraizá-la em seu passado, também não se compreende um ensinamento doutrinal ou orientação pastoral que signifique ruptura com a doutrina e a orientação pastoral conciliares.

2.2. Igreja Povo de Deus

A Igreja na América Latina no período pós-conciliar funda suas raízes na eclesiologia do Povo de Deus, com base na comum dignidade de todos os batizados. É a *Igreja povoada*, entendendo que *Deus* em Cristo *se faz povo*, assume a história desse povo e o torna comunidade de discípulos e discípulas. Tal é base da “Igreja popular”. “... trata-se de uma Igreja que tenta se encarnar nos meios populares e pobres do continente e que, por isso mesmo, surge da resposta de fé que esses meios dão ao Senhor” (Puebla, 162). Essa expressão indica “uma certa espiritualidade, um estilo de vida comunitária e de serviço, marcados pelos problemas concretos e pela cultura do mundo popular”¹². Desde então, afirma-se que “o povo nem sempre é Igreja, mas a Igreja deixa de ser ela mesma toda vez que não se faz povo” (...).

É sabido das tensões vividas em torno dessa eclesiologia. Em função disso, há quem propugne pelo abandono de categorias teológicas não apenas da teologia latino-americana, mas do próprio Concílio¹³. Mas, distante das tensões das décadas de 70 e 80, pode-se verificar com mais serenidade que o que se considera “*Igreja popular*” é simplesmente um modo latino-americano de assumir a auto-definição da Igreja no

12 MUÑOZ, R., “O capítulo eclesiológico das Conclusões de Puebla”, in REB, 39 (1979) 120.

13 Tal é o que expressam, por exemplo, as dificuldades encontradas por alguns com a categoria “Povo de Deus” para a compreensão da Igreja. Ver essa questão em COMBLIN, J., *O Povo de Deus*, Paulus, 2001.



concílio¹⁴. Não está em oposição à Igreja institucional/hierárquica. Essa compreensão coloca em evidência as dimensões da comunhão e participação da Igreja Povo de Deus, exigindo organismos internos que expressem a corresponsabilidade entre o ministério leigo e o ministério ordenado, a colegialidade episcopal, o princípio da subsidiariedade, a mútua participação entre Igreja local e Igreja universal. A Igreja liberta-se da obsessão da autoridade e do juridicismo. E assume consciência da sua historicidade, laicidade, dos seus valores e da sua fragilidade. Reconhece a sociedade como seu lugar de presença e ação, desenvolvendo parcerias para o serviço ao Reino no meio da humanidade, que forma o único Povo de Deus (LG 13). Enfim, “Povo de Deus” é “sinal e serviço de comunhão” (Puebla, 128-201).

Certamente, tal compreensão da Igreja é válida também para a Conferência de Aparecida. É verdade, a expressão “povo de Deus” não aparece no Documento de Participação... Mas o seu conteúdo pode ser encontrado, mesmo se distante do seu horizonte semântico original¹⁵. Na expressão “*para que nele (Jesus Cristo) nossos povos tenham vida*”, o Documento de Participação vincula os povos latino-americanos a Cristo num vínculo de identidade de “*nossos povos*” e da “*vida*” que se quer para eles. Ora, viver em Cristo é ser membro do povo de Deus. Igualmente, ao reconhecer que “*a voz do tempo é voz de Deus*” abre-

14 É a primeira vez que a Igreja se define a si mesma. A expressão “Povo de Deus” surgiu por volta dos anos 30 do século XX, contra a posição jurídicista e fixista da fundação da Igreja em Cristo. Recorre-se às *Escrituras* para entender a realização do projeto de Deus numa *continuidade histórica* da revelação. A Igreja forma-se na história como resposta do ser humano a Deus. O próprio *Paulo*, quando fala da Igreja “Corpo de Cristo”, supõe esse conceito como fundamental para “definir” a Igreja. Os cristãos são o Novo Israel, em continuidade com o Povo da Aliança. A idéia de “corpo” exprime a unidade dos cristãos em Cristo, das comunidades/Igrejas, mas isso não os afasta da pertença ao “povo de Deus”, conceito eminente da Igreja. CONGAR, Y., *L’Église de Saint Agostin*, Du Cerf, 1970, 473.

15 Certamente, a categoria “povo” não tem um significado único. Mas nas CGE está indicando as classes populares da sociedade, trabalhadores operários, camponeses, pessoas pobres e simples no estilo de vida. Os teólogos distinguem o “povo”, da “massa”, pela pertença à comunidade, que dá uma identidade eclesial e de fé ao “povo” de Deus. Na América Latina, essa eclesiologia ganhou força por várias razões, dentre as quais: 1) o significado positivo que o conceito “povo” expressa. Ser membro de um povo é pertencer a uma coletividade que se caracteriza por um conjunto de elementos sócio-culturais comuns que o distinguem e formam a sua identidade. 2) O povo é “de Deus”, mostrando a dimensão religiosa que o constitui como povo, fundamental na sua identidade. Teologicamente, é a pertença a Deus que orienta a pertença a um povo - como o povo da Bíblia. 3) Pelo contexto social, o que faz a Igreja assumir a realidade dos seus féis, tendo a sua forma histórica construída no meio dos pobres e simples.



se espaço para reconhecer a história como o lugar da manifestação de Deus. E a história é uma, para os povos e para a Igreja. Somente uma Igreja sintonizada com a história do povo reconhecerá nele a “voz de Deus”. E se Deus fala no povo, é fazendo-se povo que a Igreja poderá ouvir o que Deus “fala por meio dos acontecimentos e das situações pelas quais atravessamos em nossa peregrinação” (DPA, Introdução). Resta saber se, de fato, os bispos reunidos em Aparecida optarão por prosseguir no caminho aberto pelas Conferências anteriores, orientando-nos como ser povo de Deus hoje.

2.3. Igreja missionária

Como não poderia deixar de ser, o tema da missão/evangelização é uma constante nas Conferências. A razão da Igreja é promover a *evangelização e crescimento na fé* (Medellín), visando o Reino de Deus, vivenciado já agora em comunidades vivas e atuantes, verdadeiras comunidades de salvação (Medellín, *evangelização*, 9). As Conferências constataam os desafios da evangelização nos contextos sócio-eclésiais. E propõem a *evangelização no presente e no futuro da América Latina*, entendendo-a como colaboração com a realização dos “desígnios de Deus sobre a realidade da América Latina” (Puebla, 95-378). Sua origem está na “mensagem de Jesus (que) tem seu centro na proclamação do Reino, que nele mesmo se faz presente e vem” (Puebla, 132). O objetivo da missão é fortalecer a confissão da fé em Jesus Cristo, “ontem, hoje e sempre” (Hb 13,8).

Qual é o conteúdo da missão? *Medellín e Puebla* desenvolvem um conceito amplo de missão, vinculando a proclamação do evangelho e o fortalecimento da fé com ações por justiça social. Fala-se de uma “*evangelização libertadora para uma convivência humana digna dos filhos de Deus*” (Puebla, 362). Para Puebla, o conteúdo da missão é a verdade sobre “Jesus Cristo Salvador” (Puebla, 95-127), sobre a Igreja, “Povo de Deus, sinal e serviço de comunhão” (Puebla, 128-201), e sobre o ser humano, promovendo sua dignidade (Puebla, 202-235). Santo Domingo segue nessa direção, entendendo que a promoção humana é “*dimensão privilegiada da nova evangelização*” (SD 159-163), e inclui o tema da cultura como componente da missão, propondo uma “*evangelização inculturada*” (SD 298-301).

A dimensão missionária da Igreja é explícita também no tema central do DPA, mostrando que toda a comunidade eclesial é formada



por “discípulos e missionários de Jesus Cristo”. O DPA mostra a chegada do evangelho na América latina e no Caribe (nn.21-35) como uma “bênção do encontro com Jesus cristo” (nn. 21-30). A conseqüência foi a formação de “uma Igreja viva” (nn. 31-35), que faz dos batizados “discípulos de Jesus cristo” (nn. 44-65), “em comunhão eclesial” (nn. 66-77). A finalidade última da missão é favorecer para que os povos latino-americanos e caribenhos *tenham vida em Jesus Cristo* (nn. 159-174).

Uma questão sempre discutível diz respeito à metodologia da ação missionária da Igreja. Faz-se necessário uma pedagogia de evangelização que impulse o crescimento e o testemunho da fé tanto na Igreja quanto na sociedade, no âmbito pessoal e comunitário. Medellín propõe uma renovada “pastoral popular” e “das elites”, uma revigorada “catequese” e o fortalecimento da “liturgia”. Puebla propõe “critérios” para a evangelização, destacando “as atitudes que revelam a autenticidade da evangelização”¹⁶. Santo Domingo propõe uma “nova evangelização”, no seu ardor, em seus métodos, em sua expressão, vinculada com a promoção humana e a explicitação de uma cultura cristã. O DPA trata dos “conteúdos e metodologia da missão” no “Anexo 2”. O conteúdo da missão é o *kerigma*, e ao apresentar a metodologia enfatiza o contato pessoal entre o anunciador e o ouvinte do *kerigma*.

Como se vê, a Igreja na América Latina e no Caribe entende-se missionária. O anúncio do evangelho acontece no interior da presença e atuação da Igreja na sociedade, em vista da transformação das realidades de injustiça que contradizem esse anúncio. Isso exige uma compreensão ampla de evangelização, por uma inculturação do evangelho que leve à promoção humana como parte integrante de uma “evangelização libertadora”.

O DPA não concilia o fundamento bíblico e doutrinal da missão com o horizonte da missão de Medellín e Puebla. Carece, sobretudo, de uma leitura objetiva da realidade e de uma compreensão global de missão que integre a promoção humana/libertação. Igualmente, não mostra clareza metodológica na ação missionária da Igreja. Além disso, ressentem-se de

16 Vida de profunda comunhão eclesial (cf. Gl 2,2); fidelidade aos sinais da presença e da ação do Espírito nos povos e nas culturas que exprimem as legítimas aspirações humanas...; preocupação para que a Palavra de verdade chegue ao coração das pessoas e se torne vida; contribuição positiva para a edificação da comunidade; amor preferencial e solicitude pelos pobres e necessitados (cf. Lc 14,18; EN 12); santidade do evangelizador (EN 76) (Puebla, 262).



um triunfalismo eclesial ao apresentar os “sinais de esperança que mostram a sementeira de Deus que cresce” em terras caribenhas e latino-americanas (DPA 34), de modo que o “radical substrato católico”, principal resultado da missão, parece estar assegurado pelos frutos que hoje se colhem (DPA 34-35). A fixação na memória do passado não permite realismo para compreender a evangelização *hoje*.

Um caminho a ser tomado para avançar, é ampliar as mediações do encontro das pessoas com Cristo. Superando tendências sacramentalistas e espiritualistas, esse encontro se dá numa realidade histórica, envolvendo a existência das pessoas também em sua dimensão política, econômica, ecológica e cultural. Isso afirma a vivência do discipulado e da missão na Igreja e na sociedade, e equilibra a relação entre pessoa e comunidade, Igreja e sociedade. Recupera-se o vínculo entre encontro-com-Cristo e missão/discipulado/profecia, que se traduz em comportamentos e atitudes onde se repartem os serviços, a fé e a vida, no compromisso e na luta por justiça, direitos e por dignidade para todos, e no testemunho da libertação que vem com o Reino de Deus, experienciado na partilha e na participação da comunhão eclesial.

Creemos que tal é o caminho para se repensar a proposta de uma Igreja missionária na Conferência de Aparecida, recuperando os ensinamentos do Concílio, de Medellín, da *Evangelii Nuntiandi*, de Puebla e de Santo Domingo. Assim, a Conferência mostrará de um modo mais convincente uma Igreja apta para:

- 1) identificar o Deus que se manifesta na vida das pessoas e nas situações pelas quais a comunidade eclesial e a sociedade passam;
- 2) compreender e acreditar na comunidade como uma forma de a Igreja ser, Igreja de “tamanho humano”, investindo nela como o chão fértil para lançar as sementes do evangelho, da vida cristã, que crescem e produzem frutos para a Igreja e para a sociedade;
- 3) compreender e desenvolver o vínculo entre evangelização e libertação, entendendo que o anúncio do *kerigma* inclui a promoção humana;
- 4) desenvolver uma linguagem e método de ação condizentes com a situação e a cultura da pessoa e da sociedade atuais;
- 5) crer na corresponsabilidade entre o evangelizador leigo e o ordenado, os quais realizam o seu ministério na força do Espírito Santo que atua em sua ação, sua palavra e sua vida.



Com isso, cremos que a Conferência de Aparecida poderá repropor uma evangelização que possibilite a comunicação de fé de um modo existencial/experiencial, no nível da pessoa, da comunidade e da sociedade. A mensagem de fé, que vai ao encontro dos “anseios universais”, atinge as pessoas e a sociedade em suas “regiões de crença” e “regiões de incredulidade”, com capacidade para reconfigurar os símbolos religiosos (imagens, ritos, linguagem, instituições, devoções populares) no contexto atual de religiosidade dos povos do continente.

3. Desafios da Igreja à luz do Vaticano II e da pós-modernidade

3.1. Desafios da Igreja na América Latina e no Caribe

Finalmente, queremos apontar alguns desafios que parecem merecer atenção especial quando se projeta o jeito de ser Igreja e os caminhos da evangelização hoje, tanto no âmbito social quanto no eclesial. Fazemo-lo telegraficamente, uma vez que certamente o/a leitor/a terá outras oportunidades para estudá-los com mais profundidade. Trata-se de interpelações para a V Conferência:

a) No âmbito social

Das sociedades latino-americanas, as interpelações para a V Conferência emergem:

- 1) de uma América Latina que começa dar passos lentos para tentar deixar de ser colônia e “terra de missão” (no conceito dado pelo padroado) a fim de saborear a liberdade moderna que não resolveu os problemas dos empobrecidos.
- 2) da economia pós-moderna, isto é, pós-capitalista e pós-socialista, com avanços na economia de serviços (comércio, transporte, saúde, educação, pesquisa, comunicação e administração), em detrimento da economia produtiva (agricultura e indústria.), originando novas elites técnicas e a transição de uma sociedade produtora de mercadorias para uma sociedade de informações e saber. Hans Küng chama essa economia de economia ecossocial de mercado;
- 3) da geopolítica pós-moderna: em vez de um eurocentrismo, presencia-se um policentrismo. Na liderança estão Estados Unidos, Rússia, União Européia, Japão e em breve certamente também China e Índia;



- 4) da sociedade pós-moderna: que toma cada vez mais a forma de uma sociedade de prestação de serviços e de comunicações;
- 5) da família pós-moderna: cresce o sistema pós-patriarcal nas relações entre sexos, desenvolvem-se cada vez mais novos modelos de famílias com novos relacionamentos de convivência;
- 6) da religião pós-moderna: está surgindo um mundo pós-confessional de um lado, fruto do tecnicismo; de outro, um globo inter-religioso. Isso significa que, paulatinamente e com desafios, desenvolve-se uma comunidade multiconfessional e ecumênica¹⁷.
- 7) uma América Latina e um Caribe influenciado pelas mudanças do globo. A sua população constitui uma geração urbana, influenciada pelo fenômeno dos MCS com todas as conseqüências do isolacionismo, individualismo, e sem tempo para pensar e viver a fé.

b) No âmbito eclesial

- 1) Como superar as tensões oriundas das tendências opostas na organização institucional e na ação evangelizadora sem diminuir a riqueza do pluralismo intra-eclesial?
- 2) Os ministérios são necessários à vida eclesial como autenticação da palavra, o acontecer da Eucaristia, a sucessão apostólica e a missão. Eles surgem como dom do Espírito para responder às necessidades das comunidades. Os bispos e os presbíteros são servidores e ou animadores das comunidades. Os religiosos são os profetas de nosso tempo. O diácono (poderia ser também *a diaconisa*) é quem coordena a comunidade. Os leigos e as leigas são agentes eclesiais constituídos em igual dignidade batismal. Como integrar numa corresponsabilidade na evangelização os ministérios leigos e os ordenados?
- 3) Como favorecer a apropriação pelos leigos do comentário bíblico e da reflexão teológica e a atuação destes nas instâncias constitutivas da Igreja (Palavra, Celebração e Ministérios)? Urge propiciar o surgimento de vasta gama de serviços, ministérios

17 KUNG, H. *Projeto de ética mundial*, São Paulo, Paulus, 2002, 45-46.



- e carismas e fazer acontecer a missionariedade com a criação e formação de comunidades inseridas na realidade local de forma transformadora. As comunidades e seus agentes deveriam investir numa inteligente descentralização pastoral, na promoção de uma eficiente pastoral de conjunto.
- 4) Qual o modelo e o papel da paróquia hoje? É fundamental rever se o modelo da paróquia oriunda da Idade Média satisfaz. Uma paróquia não é um feudo com um senhor feudal autoritário. Urge entender e fazer da paróquia uma rede de comunidades que prioriza a comunhão e a participação. O centro paroquial deverá ter a função de referência para a unidade das comunidades, como um serviço para a interação entre elas, para sua comunhão plena na Igreja particular e desta com a sociedade.
 - 5) Na ação social o clero não está, no conjunto, preparado para dar uma resposta oportuna à problemática política e social, enquanto o laicato católico mais enriquecido e burguês, que poderia dar uma ajuda mais eficaz, sente-se confortado com uma orientação religiosa que o distancia de uma fé compromissiva e profética. Parece que a Igreja só pode contar mesmo com as classes populares para propor alternativas sociais que façam vigorar a justiça e a liberdade evangélicas.
 - 6) Como ser a Igreja do diálogo intra-ecclesial e extra-ecclesial?

Considerações finais

A partir do texto de Mt 25,31-46, pode-se chegar à seguinte conclusão: os empobrecidos, pobres de diversos modos, não só carentes de pão, mas também privados de liberdade e direitos humanos, são os meios que Deus utiliza para julgar os que lhes arrebatam suas vidas e os que acumulam impérios. É a partir dos pobres que o Deus “de” e “em” Jesus de Nazaré nos questiona e nos interpela, sobretudo como faz Puebla:

A situação de extrema pobreza generalizada adquire, na vida real, feições concretíssimas, nas quais deveríamos reconhecer as feições sofredoras de Cristo, o Senhor: feições dos povos indígenas e, com frequência, também dos povos afro-americanos, que vivendo segregados e em situações desumanas, podem ser considerados como os mais pobres dentre os pobres; feições de camponeses que, como grupo social, vivem relegados em quase todo o nosso continente, vivendo sem terra e sem



*teto, vivendo em situação de extrema dependência interna e externa, submetidos ao sistema de comércio que os engana e os explora; feições de operários, que têm dificuldades de se organizar e defender os próprios direitos, e as feições de menores e idosos, cada dia mais numerosos, freqüentemente postos à margem da sociedade*¹⁸.

Que futuro terão os injustamente empobrecidos, no modelo eclesial sustentado pela Conferência de Aparecida? Espera-se um futuro carregado de sonhos e vontades de uma nova Igreja. Estes sonhos estão imbuídos de inspirações evangélicas, que lhes confere legitimidade. Urge dar-lhes expressão eclesial, na linha da grande tradição dos indígenas, negros e da realidade dos empobrecidos. Configura-se, assim, o desafio para o futuro do cristianismo na América Latina e no Caribe. Um cristianismo não mais exclusivamente romanizado, mas mestiço, afro-americano, ameríndio e caipira. É um cristianismo portador de uma economia comunitária com cheiro de terra, pão e paz para todos.

Endereço dos Autores:

Elias Wolff

Instituto Teológico de Santa Catarina – ITESC
Rua Dep. Antônio Edu Vieira, 1524
Pantanal
88040-001 Florianópolis, SC

Célio Ribeiro

Rua Francisco Vahldieck, 1149
89056-000 Blumenau, SC
Fone: (47) 3339-8480

18 CELAM, *Conclusões da Conferência de Puebla*, nn. 31, 34, 35, 36 e 39.